



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO
PRETO**

Instituto de Ciências Humanas e Sociais



MONOGRAFIA

MEMORIAL DE FORMAÇÃO: TRAJETÓRIA ESCOLAR, DESAFIOS E EXPERIÊNCIAS DA MATERNIDADE NO PERCURSO UNIVERSITÁRIO

Joseane Aparecida Couto Rodrigues

Mariana-MG

2022

Joseane Aparecida Couto Rodrigues

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO: TRAJETÓRIA ESCOLAR, DESAFIOS
E EXPERIÊNCIAS DA MATERNIDADE NO PERCURSO
UNIVERSITÁRIO**

Memorial apresentado como trabalho de conclusão do curso em Pedagogia- Licenciatura do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Dr Fabrício Vinhas Manini Angelo

Mariana-MG

2022



FOLHA DE APROVAÇÃO

Joseane Aparecida Couto Rodrigues

Memorial de formação: trajetória escolar, desafios e experiências da maternidade no percurso universitário.

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Pedagogia

Aprovada em 24 de junho de 2022

Membros da banca

Dr. Fabrício Vinhas Manini Angelo - Orientador UFOP
Dr. José Rubens Jardimino - UFOP

O prof. Dr. Fabrício Vinhas Manini Angelo, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 30/06/2022



Documento assinado eletronicamente por **Fabrício Vinhas Manini Angelo, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 05/08/2022, às 16:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0375255** e o código CRC **26923E6B**.

RESUMO

O presente memorial acadêmico tem como objetivo relatar a trajetória acadêmica da discente Joseane Aparecida Couto Rodrigues até a formação em graduação de Pedagogia na Universidade Federal de Ouro Preto, busca também relatar os desafios encontrados enquanto mãe durante a vivência universitária, fazendo uma reflexão acerca das possibilidades de maior auxílio às mães universitárias visando apontar caminhos possíveis para que a universidade possa assegurar a continuidade de seus estudos que muitas vezes encontram barreiras que poderiam ser solucionadas através de projetos, políticas públicas e ações institucionalizadas que possam contribuir para sua permanência, conclusão e continuidade acadêmica, bem como auxiliar no processo de inserção no mercado de trabalho.

Palavra chave: Trajetória, Memorial, Formação, Maternidade

ABSTRACT

This academic memorial aims to report the academic trajectory of the student Joseane Aparecida Couto Rodrigues until her graduation in Pedagogy at the Federal University of Ouro Preto, it also seeks to report the challenges encountered as a mother during her university experience, reflecting on the possibilities of greater assistance to university mothers in order to point out possible ways for the university to ensure the continuity of their studies that often encounter barriers that could be solved through projects, public policies and institutionalized actions that can contribute to their permanence, conclusion and academic continuity , as well as assisting in the process of entering the labor market..

Keywords: Trajectory, Memorial, Formation, Maternity

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. O CAMINHO ATÉ A UNIVERSIDADE	8
3. TRAJETÓRIA UNIVERSITÁRIA PEDAGOGIA	9
4. DESAFIOS E EXPERIÊNCIAS	10
5. PANDEMIA E ENSINO REMOTO	11
6. TEORIA E PRÁTICA NA FORMAÇÃO DOCENTE- RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA.	12
7. REFLEXÕES E APONTAMENTOS SOBRE AS CONDIÇÕES DAS MÃES UNIVERSITÁRIAS.	13
8. REFERÊNCIAS.	14

INTRODUÇÃO

Ao chegar à reta final da graduação em Pedagogia, me encontrei fazendo reflexões sobre o percurso, trajetória escolar e os desafios encontrados durante a vivência universitária. Bakhtin (2003, p. 139) nos traz que: “a narração sobre a minha vida pode ser forma de conscientização, visão e enunciação da minha própria vida” dessa forma fazer essas reflexões permitem olhar para minha trajetória com consciência de como minhas perspectivas e opiniões se transformaram em decorrência das experiências vividas no percurso acadêmico. Segundo Prado e Soligo (2005, p. 61) por vezes é necessário escrever “para tomar consciência do quanto sabemos e nem sabemos que sabemos. E do quanto ainda não sabemos, mas podemos com certeza aprender”. Tomar consciência destes marcos da minha trajetória e da compreensão de mundo que se transformou a partir das experiências, se faz muito importante para a minha construção pessoal e profissional.

Conforme afirma Mendes (2011,p.3-4):

Na trajetória do professor, dois tipos de conhecimento se tornam presentes: a leitura e a escrita. Ler e escrever permitem que as pessoas descubram conhecimentos, promovam a aprendizagem e expressem pensamentos e sentimentos. Por meio da leitura entramos no universo literário e a escrita nos eleva à posição de autor. Essa dupla apropriação nos faz sentir pertencer a um mundo pleno de sentido, compartilhar experiências, que quando reveladas, deixam de ser individuais para se transformarem em coletivas.

Segundo Nóvoa (2001,p.4) : "A experiência, por si só, pode ser mera repetição, uma mera rotina, não é ela que é formadora. Formadora é a reflexão sobre essa experiência, ou a pesquisa sobre essa experiência”. Dessa forma meu anseio é que os debates sobre a mulher, mãe e universitária possam oportunizar políticas públicas e ações para esse grupo que garantam uma formação de qualidade bem como sua permanência e conclusão do curso.

O objetivo principal da escrita deste memorial de formação é gerar uma auto reflexão do percurso feito desde a trajetória escolar até a formação da graduação em pedagogia na Universidade Federal de Ouro Preto articulando as experiências pessoais e o conhecimento teórico adquirido bem como trazer apontamentos sobre as dificuldades e desafios enfrentados enquanto mãe universitária. Bem como a partir da vivência de se tornar mãe enquanto

universitária busco fazer desses apontamentos um convite para reflexão de toda comunidade universitária (professores, alunos e servidores) acerca das possibilidades de assegurar direitos às mães universitárias visando uma continuidade de seus estudos que muitas vezes encontram barreiras que poderiam ser solucionadas através de projetos, políticas públicas e ações institucionalizadas que possam contribuir para sua permanência.

Um memorial de formação é um veículo de reflexão autobiográfica que se faz por investigação pessoal e social, a escrita então de um memorial se faz importante para poder analisar o processo de aprendizagem em sua relação pessoal, enxergar a própria trajetória a partir de suas memórias nos faz ressignificar os acontecimentos utilizando-se das discussões, aprendizados e referências adquiridos no ambiente universitário, assim acredito que um memorial de formação nos faz lembrar conceitos importantes e marcos que posteriormente serão confrontados em nossa atuação profissional, agora então em posição diferente.

Segundo Passegi (2008): “É a reflexão sobre a reflexão que oferece ao (futuro) professor as chaves para o acesso ao processo histórico de sua formação, aos conhecimentos implícitos e a novas formas de aprendizagem.” Dessa forma, essa ressignificação da escola e aprendizado embasado nos conhecimentos adquiridos durante o percurso acadêmico é um grande ganho para a formação docente.

Ainda para Passeggi (2008), um dos procedimentos próprios do memorial consiste em apoiar as práticas e experiências em teóricos consagrados que evidenciem caminhos e opções. Para Prado e Soligo (2005; 2007), o memorial é uma forma de registro de vivências, experiências, memórias e reflexões que permite ao sujeito pensar e refletir sobre as suas atitudes diante das situações que vive ou viveu e nos acontecimentos que acontecem ao seu redor e dos quais participa de forma ativa ou como observador.

Bourdieu em *A Ilusão Bibliográfica* (1986, p. 184) afirma:

Cabe supor que o relato autobiográfico se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis, como a do efeito a causa eficiente ou final, entre os estados sucessivos, assim constituídos em etapas de um desenvolvimento necessário.

Em crítica Bourdieu (1986, p.185) destaca: “Produzir uma história de vida, tratar a vida como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar”. Portanto, não é meu objetivo com essa

escrita estabelecer uma ordem cronológica ou linear dos fatos, afinal a memória guarda aquilo que de fato se fez importante para cada um de nós, se organizando segundo o que pensamento traz sobre as reflexões estabelecidas.

Prado e Soligo (2005, p.5) afirmam que:

Já a memória-recordação é a possibilidade de acionar ‘os guardados’ da memória-conservação, que acabam por se atualizar, por evocação, no ato de recordar. Assim, recordar pode ser compreendido como vitalizar, oxigenar, reavivar as memórias guardadas. É a ‘arte’ de pôr em movimento as idéias, impressões e conhecimentos disponíveis. E esse movimento é o que torna possível ao homem expor suas memórias, narrar suas histórias. Nós nos recordamos pela construção de narrativas que trazem à luz eventos passados, atualizados no presente e lançados às memórias futuras.

Escrever sobre os desafios encontrados no percurso universitário buscando que os relatos dessa parte de minha trajetória sejam objeto de reflexão é também pensar que conforme discorre Bakhtin (1998, p. 141) “por maior que seja a precisão com que é transmitido, o discurso de outrem incluído no contexto sempre está submetido a notáveis transformações de significado”.

Dentre as experiências e marcos em minha trajetória escolar, a mais desafiadora foi a maternidade enquanto universitária, a partir das minhas dificuldades e enfrentamentos como mãe dentro da universidade desejo estabelecer algumas reflexões a partir das possibilidades de garantir a permanência das mães universitárias dentro da universidade.

O CAMINHO ATÉ A UNIVERSIDADE

A fim de esclarecer como ingressei no curso de pedagogia pretendo começar me apresentando e contando brevemente minha trajetória no ensino regular. Meu nome é Joseane Aparecida Couto Rodrigues, sou casada, tenho um filho de 3 anos, sou natural de Santa Bárbara MG e moro há 7 anos em Mariana MG. Minha infância foi muito ativa, adorava brincar na rua com meus vizinhos e amigos, pique, rouba bandeira, queimada, pular corda, ciranda, sempre gostei de brincadeiras assim, a rua em que eu morava era pouco movimentada na época, o que ajudava na tranquilidade dos meus pais em me deixarem livre sem preocupações, passava minhas férias de julho e de final de ano, na roça dos meus avós em outra cidade, era o lugar que mais amava no mundo, minhas memórias afetivas ainda guardam o cheiro do café moído na hora, do biscoito de polvilho recém assado, da chuva no pomar, das frutas colhidas do pé e de uma infância cheia de joelhos ralados e sorriso no rosto.

Sempre estudei em escola pública, ingressei na escola aos 6 anos, idade obrigatória na época, como sempre gostei de livros, ganhava sempre da minha madrinha que era bibliotecária, já entrei na escola sabendo ler e escrever, aprendi em casa com minha vizinha que era adolescente e gostava de ensinar a sua irmã e a mim. Estudei do período chamado pré escola até a quarta série em uma excelente escola. Nessa minha primeira escola tive uma professora que me marcou muito, até hoje tenho um enorme carinho por ela, ela foi minha professora por 3 anos e a relação de amor e carinho que tínhamos foi muito importante para mim, ela nos levava para visitar sua casa e fazia projetos maravilhosos.

Aos meus 12 anos meus pais se separaram, me mudei de bairro e estudei então em outra escola no ensino fundamental, lá tive referências positivas e também negativas, essa escola situada no centro da cidade tinha uma tendência pedagógica tradicional, nessa escola tínhamos uma biblioteca maravilhosa e cheguei a ganhar prêmios que a escola ofertava aos alunos que mais liam. Curiosamente ou não, as matérias que eu mais gostava na época eram as que eu tinha professores mais agradáveis e que fugiam ao padrão rígido local, gostava de português, e história.

Já no ensino médio ingressei em outra escola, muito boa também, gostava de biologia, educação física, história, português, estava um pouco cansada então não penso que aproveitei bem meu ensino médio, apesar disso após a essa conclusão ao realizar o ENEM tive uma boa nota. Entretanto na cidade em que eu morava não há universidade e na época não havia apoio do município e por causa das condições financeiras não pude ingressar na faculdade. Fiz então um curso técnico em informática.

Em 2014, já com meu casamento marcado, meu noivo teve a oportunidade de se mudar para sua cidade natal Mariana, por termos vontade de fazer um curso superior, nós optamos por nos mudar, entretanto mesmo aos meus 23 anos, eu não me sentia preparada para escolher um curso, sempre gostei de praticar esportes e frequentar academia então resolvi optar pela Educação Física, nesse curso conheci uma amiga que me chamou para trabalhar como monitora em uma escola que ela trabalhava, lá eu me encontrei, percebi que não era Educação física e sim pedagogia o meu lugar, fiz novamente o ENEM e então sai do 5 período da Educação física na UFOP e ingressei na pedagogia na mesma universidade, considero que não escolhi a pedagogia e sim fui escolhida por ela, eu estava muito empolgada, entretanto no segundo período descobri minha gravidez, uma grande surpresa que me fez alterar um pouco os planos.

TRAJETÓRIA UNIVERSITÁRIA PEDAGOGIA

Antes de discorrer sobre a minha trajetória no curso de pedagogia pretendo retomar um pouco sobre minha experiência na entrada da universidade que se deu em 2015 no curso de graduação em Educação Física licenciatura da mesma instituição. Ao iniciar os estudos na universidade eu tive um choque cultural muito grande, a cultura da educação básica pouco se assemelha às exigências de uma graduação, na universidade os professores desejam que os seus alunos aprendam a analisar as matérias e os processos, avaliem criticamente as soluções propostas e sejam capazes de aplicar as ideias aprendidas na instrução formal aos problemas e desafios que vivem fora das salas de aula, as exigências e o não saber estudar corretamente, fizeram com que essa minha primeira oportunidade não fosse concluída, não estar familiarizada com os requisitos da universidade fez com que eu me sentisse despreparada, fora de lugar e esse deslocamento me deixou cada vez mais confusa e conseqüentemente desinteressada, não me lembro de, na escola, ter sido solicitada para realizar reflexões profundas ou grandes elaborações teóricas, tinha na maioria das vezes que reter a informação e apresentá-la nas provas, na Universidade a mera reprodução dos fatos é geralmente penalizada. É necessário que pensemos, que elaboremos, que sejamos críticos, que apresentemos problemas e soluções. Não estava preparada para tal, então fui me arrastando com notas não tão satisfatórias e procrastinações até chegar ao 5º período quando tomei a decisão de mudar de curso. Percebi também que nem sempre gostar de algo significa querer atuar na profissão, às vezes é preciso fazer uma auto reflexão profunda sobre sua própria vida para enfim escolher mudar.

Meu ingresso na pedagogia foi revigorante, agora com mais maturidade e depois de aprender a aprender, de aprender a ter pensamento crítico, e aprender a me posicionar com segurança, era uma outra aluna. O primeiro semestre foi uma reafirmação para mim de que agora eu trilhava o caminho que me traria realização pessoal e profissional, os debates históricos, políticos, filosóficos, e sociológicos acerca da educação me deixaram com avidez de aprender cada vez mais, entretanto no segundo período eu tive uma surpresa na vida pessoal, uma gravidez não planejada, segui o segundo período ainda focada nos meus objetivos, meu filho nasceu em Março de 2019, no início do terceiro período, solicitei junto a universidade a licença maternidade, que me garantia o direito de realizar tarefas em casa até 4 meses contados a partir da data do atestado de licença maternidade expedido pela médica, a partir desse momento me tornei mãe universitária e assim começam os desafios.

DESAFIOS E EXPERIÊNCIAS

As demandas de um recém nascido são muitas, as noites de sono conturbadas e a sobrecarga e cansaço são grandes, conciliar o cuidado e amamentação de um bebê com a quantidade de tarefas recebidas pelos professores era incompatível, acredito que alguns professores nunca tiveram uma experiência pessoal do que significa ser mãe e todo trabalho que isso implica, lembro-me de receber como tarefa realizar resenhas semanais dos textos das disciplinas, esforço que não era possível, visto que a maioria das leituras eu realizava enquanto amamentava meu filho, e depois não tinha tempo ou ânimo para releitura, assim optei por trancar o período. Quando meu filho nasceu eu não tive nenhum contato com nenhuma assistente social ou psicóloga da universidade, não tive nenhuma orientação sobre como proceder sobre a licença e acredito eu que os professores também não tinham sido preparados para atuarem à distância considerando as necessidades e adaptações necessárias que a especificidade da condição que uma puérpera exigia, acredito que a universidade poderia buscar dar apoio e orientação às puérperas, bem como capacitar os professores para atuarem com esse grupo.

No semestre seguinte eu retornei à universidade, optei por poucas disciplinas distribuídas à tarde e à noite, entretanto eu tinha que levar meu filho para as aulas, pois não tinha ninguém para ficar com ele e ele ainda estava em aleitamento materno exclusivo, levá-lo a universidade me trouxe outras reflexões de desafios encontrados, que inviabilizavam a minha permanência, os banheiros da universidade não tinham trocadores, não havia nenhum espaço destinado a amamentação, eu não podia ir para o restaurante universitário com ele, e ele como todo bebê exigia atenção e atrapalhava alguns momentos de aula, os olhares e comentários da família e comunidade acadêmica sobre eu estar sacrificando meu filho me fizeram sentir culpa, a comunidade acadêmica não está preparada para crianças nesse ambiente, e a culpa materna de levá-lo a essa situação e a falta de consciência que este era meu lugar de direito e que a universidade deveria oferecer as condições necessárias para que eu pudesse dar continuidade aos estudos, fizeram com que eu optasse por trancar a metade das disciplinas.

No semestre seguinte com o início da pandemia a universidade foi fechada ao público, em meio a tanto caos e medo eu me senti aliviada de não precisar me expor e expor minha família ao contato com o vírus, e de poder cuidar mais do meu filho, visto que eu acreditava nesse momento que não conseguiria concluir o curso por não ter como levar meu filho para a

universidade e ao mesmo tempo não ter com quem deixá-lo. A Comissão de Educação da Câmara dos Deputados aprovou a PL 2189/2019 que aguarda publicação, esse projeto de lei permite às instituições de ensino superior públicas e privadas criar creches em suas dependências para filhos ou dependentes de estudantes matriculados na instituição, cujo objetivo é assegurar que estudantes possam participar de atividades de ensino, pesquisa e extensão, a partir da publicação desta lei, espero que as mães universitárias possam ter esse direito assegurado e encontrem na universidade uma rede de apoio, a Universidade Federal de Ouro Preto que possui curso de Pedagogia podia ofertar esse espaço, que além de atender essa demanda iria oportunizar estudos de casos, estágios e até mesmo residência pedagógica.

PANDEMIA E ENSINO REMOTO

Com o fechamento das escolas e demais espaços coletivos, a universidade em meio às incertezas de quando poderíamos retornar presencial, ao final do ano de 2020 organizou disciplinas no período letivo especial, para oferecer ou ampliar melhores práticas de aprendizagem a distância, com o intuito de minimizar as perdas dos estudantes com a suspensão das aulas a universidade teve de se adaptar, com a carga horária reduzida e um número pequeno de disciplinas essa oferta atuou como experimental para a prática do ensino remoto, embora parecesse que as coisas iriam fluir de maneira tranquila essa experiência por ter ocorrido em menor escala não apresentou os problemas vistos no seguinte semestre.

No ano de 2021 começamos a ter o período de aulas remotas, com oferta de mais disciplinas e semestres com menor tempo, porém condensando o mesmo conteúdo, utilizando-se da plataforma Google Meet os professores faziam chamadas de vídeos para ministrar as aulas, essa plataforma foi essencial para que fosse possível a continuidade da graduação no momento em que as universidades não podiam funcionar, entretanto o mesmo que aconteceu com o período da minha licença pude observar nesse primeiro semestre remoto, os professores despreparados e pegos de surpresa com o modelo de ensino remoto tiveram dificuldades com as tecnologias, deram uma quantidade de trabalhos exorbitante, os alunos se sentiram sobrecarregados e diversas vezes tiveram que tentar negociar com os professores para a mudança do seu planejamento, foi um período de grandes debates sobre o que era possível, afinal as pessoas estavam em casa, mas não estavam ociosas, estavam trabalhando, com as crianças sem aulas, em um ambiente de tensão, ansiedade, medo e interrupções, o que em si já fazia com que o rendimento do aluno diminuísse.

Na minha experiência a pandemia trouxe ansiedade e grande estresse, cuidar da casa, dos estudos, e do meu filho me deixaram sobrecarregada e pensei muitas vezes em desistir, o meu filho também estava ansioso e estressado, ele não entendia que embora eu estivesse em casa eu estava estudando e não poderia dar a ele toda a atenção que ele requisitava, me manter estudando em meio a tanto caos foi extremamente difícil e somaram-se as dificuldades já existentes, quando se trata de ser mãe e universitária, o cansaço físico e mental me fizeram questionar se eu não precisava de ajuda psicológica, mas definitivamente eu não achava ter tempo para isso, mães sofrem silenciadas.

Os estágios nos períodos remotos também se deram por meio de Atividades Formativas Emergenciais de Estágio que aconteceram de forma remota em consonância com a resolução aprovada em decorrência da pandemia. Embora essa modalidade tenha sido um pouco mais tranquila visto que eu não tinha que me deslocar até as escolas, que neste momento não estavam funcionando presencialmente, senti uma necessidade do contato com as demandas de sala de aula e me voluntariei ao programa Residência Pedagógica no subprojeto de alfabetização anos iniciais do ensino fundamental me tornando bolsista no terceiro módulo, essa foi uma oportunidade importante que o ensino remoto me oportunizou, já que em situações de ensino presencial eu não tinha como participar das atividades ofertadas pela universidade pois não tinha com quem deixar meu filho ou condições de levá-lo.

TEORIA E PRÁTICA NA FORMAÇÃO DOCENTE- RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

O Programa de Residência Pedagógica é uma das ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores e tem por objetivo induzir o aperfeiçoamento da formação prática nos cursos de licenciatura, promovendo a imersão do licenciando na escola de educação básica, a partir da segunda metade de seu curso. A residência pedagógica é uma atividade de formação realizada por um discente, denominado residente, regularmente matriculado em curso de licenciatura e desenvolvida numa escola pública de educação básica, denominada escola-campo.

O subprojeto de Alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental acontece em três escolas da Rede Municipal de Mariana, dentre elas a escola Municipal de “Passagem de Mariana”, onde pude participar como residente. O subprojeto iniciou os trabalhos em Outubro de 2020 entretanto iniciei minha participação no segundo módulo do projeto em Maio de 2021 permanecendo até Março de 2022. Neste período observei as aulas de língua portuguesa ministradas pela professora preceptora; e a partir dos resultados das avaliações

diagnósticas realizadas pelas minhas colegas com os alunos, quando ainda não participava do programa, e a observação dessas aulas pude elaborar um planejamento considerando as habilidades estabelecidas para o currículo da disciplina de língua portuguesa.

Como metodologia de trabalho observei as aulas síncronas e assíncronas ministradas pela preceptora e elaborei em dupla “aulas de reforço”, considerando os níveis de escrita das crianças do grupo de alunos que foi designado para nosso acompanhamento. O planejamento das aulas contemplavam o texto literário e atividades para o desenvolvimento de habilidades relacionadas às práticas de linguagem, conforme estabelece a BNCC para o componente de Língua Portuguesa: leitura/escuta, escrita, análise linguística/semiótica e oralidade. Os planejamentos foram orientados pela preceptora e coordenadora, em reuniões semanais, nas quais o desenvolvimento da turma foi discutido e as intervenções sugeridas.

O trabalho com o programa residência pedagógica contribuiu de forma significativa para a minha formação, o curso de pedagogia possui estágios que são somente de observação, então esse contato prático nos leva a pensar como o conhecimento teórico pode ser aplicado dentro da sala de aula. Essa aproximação com as demandas reais da sala de aula oportunizou buscar conhecimento no embasamento teórico e aplicá-lo. O debate em grupo dos planejamentos e das necessidades dos alunos foi imprescindível para encontrar a melhor intervenção que viesse a trazer sucesso nos objetivos de aprendizagem, de acordo com as necessidades específicas dos alunos. Ter essa autonomia de produzir os planejamentos de aulas e aplicá-los e a partir dos resultados se necessário modificá-los para conseguir alcançar o objetivo foi muito importante porque a grande maioria dos meus colegas de profissão, conclui a graduação sem ter essa experiência e se sente perdido na prática, e quando chega o momento de atuar como professor possui pouca referência. O programa residência pedagógica foi de grande importância para minha formação impactando diretamente na minha atuação enquanto futura professora.

Reitero que essa oportunidade só foi possível por ocasião do período letivo remoto, acredito que a universidade poderia criar um espaço para residentes atuarem e poderem vivenciar a profissão na prática que também funcione como espaço para as demais estudantes deixarem seus filhos. Conforme apontado anteriormente já há em tramitação um projeto de lei que dispõe sobre a criação de creches nas instituições de ensino superior, assim acredito que seria uma oportunidade também de realizar pesquisas educacionais e ainda trazer assistência às mães da universidade .

REFLEXÕES E APONTAMENTOS SOBRE AS CONDIÇÕES DAS MÃES UNIVERSITÁRIAS

Ao pensar na maternidade no contexto universitário Saalfeld (2019, p.53) afirma que,

A maternidade não pode ser pensada apenas como fator biológico, mas também por suas relações de poder que envolvem as relações de gênero, processos simbólicos, representações, entre outros significados presentes que inscrevem diferentes formas de se fazer maternidade na sociedade contemporânea. .

Considero importante pensarmos sobre como a nossa sociedade se comporta com as responsabilidades da mulher na maternidade para refletirmos sobre alguns desafios para a permanência na universidade que perpassam por esses processos. Joan Scott (1990) define que “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder” O termo gênero nesse contexto refere-se a dicotomia que constitui relações sociais pautadas nos processos que definem a função da mulher na sociedade patriarcal que vivemos. Sabemos que as responsabilidades sobre os filhos recaem em sua maioria como obrigação das mães, uma concepção enraizada nessa sociedade patriarcal que começa a ser mudada a passos lentos. Conforme Guedes e Silva (2020, p.477):

O ideal materno está em constante conflito com as exigências do mundo dos estudos e do trabalho. Mesmo as mulheres que são mães e optam por romper com a imposição hegemônica de um modelo materno estão suscetíveis às desigualdades já postas: um homem com filhos dificilmente enfrentará os mesmos obstáculos que uma mulher com filhos. Por isso a importância de ações que visem combater a invisibilidade de estudantes mães e suas respectivas necessidades nas universidades, destacadamente por meio da inclusão, nos regimentos internos e nos programas assistenciais das instituições, de tópicos que deem sustentação, materialidade e status de direitos às manifestações e reivindicações feitas.

Para Saalfeld (2019, p.59) Muitas mulheres acabam abandonando ou adiando os estudos por conta da maternidade e retornando mais tarde, quando conseguem, essa atitude já demonstra uma grande desvantagem sofrida pelas mulheres no contexto universitário e que segundo Urpia e Sampaio (2009) essa interrupção na carreira e seu retorno geralmente acontecem com dificuldade, esse abandono se dá muitas vezes pela falta de uma rede de apoio.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), as mulheres são o grupo mais vulnerável a problemas de saúde mental durante a pandemia da Covid-19. Nesse grupo concentram-se mães, gestantes e puérperas – as alterações hormonais da gravidez e do pós-parto as deixam ainda mais suscetíveis a quadros como ansiedade e depressão. Conciliar

trabalho, estudos, afazeres domésticos e cuidados com os filhos não é uma tarefa fácil, demandas que aumentaram durante a pandemia, visto que as creches e escolas que por vezes era a única rede de apoio das mães não estavam funcionando, as mães muitas vezes tinham que acompanhar as aulas online das crianças, bem como realizar as tarefas enviadas pela escola, a mulher na sociedade ocupa um grande número de papéis sociais cada um com suas demandas de trabalho, esse conflitante acúmulo de funções impacta diretamente na saúde mental das mulheres mães, estudos apontam que *163% das mães tiveram sintomas depressivos durante a pandemia, esse dado revela o quão preocupante é a sobrecarga materna, essa condição ao extremo cansaço físico e mental, além daquela sensação de não ‘desligar’ nunca, o que acabou exaurindo muitas mães. Soma-se a isso às tarefas relacionadas à vida acadêmica que agrava a condição psicológica que leva à tal patologia.

As experiências vividas e apontadas demonstraram que as condições de mãe universitária foram pouco debatidas no meio acadêmico, por diversas vezes senti que não eram compreendidas minhas dificuldades, refletir e agir para que as mulheres mães possam exercer seu direito de se estudar e se formar é de grande importância social e educacional. De acordo com o Censo da Educação Superior 2020 o ensino superior é em sua maioria composto por mulheres com idade entre 19 e 24 anos, a gravidez na graduação é considerada precoce, entretanto como afirma Abramo (2005,p.35) “Até que ponto a maternidade pode ser interpretada como precoce, num país onde a concentração de fecundidade feminina é máxima justamente nesta faixa de idade?”. Levando em consideração esses dados podemos perceber o quanto é necessário que as condições de mãe universitária estejam em pauta das discussões acerca das possibilidades de adequações às dificuldades relatadas.

São diversas as questões que perpassam às lutas das mães universitárias que poderiam ser solucionadas à partir de adaptações no espaço físico, como trocadores nos banheiros, locais reservados à amamentação, creches onde as mães possam deixar seus filhos em segurança para que possam concluir seus estudos, bem como dar continuidade e participar ativamente da vida acadêmica. Os professores poderiam estar mais preparados para entender as especificidades das mães universitárias buscando assim um melhor caminho para que possam concluir suas tarefas sem prejudicar sua aprendizagem. A universidade poderia

¹ Dado do estudo ‘O impacto da pandemia do coronavírus e do isolamento social: Examinando indicadores de comportamento da criança e da parentalidade’ realizado pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMRP – USP) com apoio da Fundação Maria Cecília Souto Vidigal.

também buscar trazer apoio psicológico e pedagógico a essas mães buscando trazer saúde mental, minimizar as inseguranças e dar um suporte importante às mães.

Nesse sentido em 2021, em meio à pandemia surge na Universidade Federal de Ouro Preto o Manu (Maternidade na universidade), um grupo que executa ações de apoio e acolhimento às mães universitárias da instituição, apoiado pelo Programa de Incentivo à Diversidade e Convivência (PIDIC), da Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis (PRACE) da UFOP. No grupo são realizados encontros de acolhimento e troca de experiências, são realizados também atendimentos individuais realizados pela assistente social e estagiárias integrantes do grupo, o grupo lançou também um guia de boas práticas que objetiva sensibilizar a comunidade acadêmica no acolhimento às mães universitárias e suas particularidades durante a trajetória acadêmica. Ainda em 2021 o grupo realizou uma pesquisa socioeconômica e cultural que buscou identificar o perfil socioeconômico e cultural das estudantes dos cursos de graduação presencial da UFOP que são mães e suas necessidades de apoio para permanência na instituição e conclusão do curso, na pesquisa como resultado as demandas das mães permeiam questões relacionadas à bolsas, acolhimento e infraestrutura.

Com o número escasso de políticas públicas que busquem auxiliar às mães universitárias, grupos de acolhimento têm sido essenciais para o suporte das mães na universidade, esse grupo luta para trazer melhorias às mães universitárias e trazer as demandas e lutas desse grupo social ao conhecimento de toda comunidade acadêmica é o primeiro passo para a construção de um ambiente em que as mães possam se sentir acolhidas, compreendidas e apoiadas, garantindo assim sua permanência e sucesso na universidade, entretanto vale ressaltar que o acesso ao grupo deve ser mais divulgado, acredito que poderia estabelecer uma maior integração do grupo se houvessem em sua organização discentes dos mais variados cursos e que estes estabelecem uma relação com seus colegiados a fim de tornar as demandas levantadas nas pautas além de um assunto de domínio público, uma questão a ser transformada em ação. Todas as mulheres mães têm direito ao acesso, permanência e conclusão do curso entretanto podemos perceber que para assegurar esses direitos devemos caminhar no sentido de dar voz à essas mulheres e buscar através de projetos, políticas públicas e ações institucionalizadas fazer com que as demandas sejam solucionadas.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena Wendel. **O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro.** Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais. São Paulo : Ação Educativa, 2005.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance.** São Paulo: Unesp: Hucitec, 1998.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1920-23/2003.
- BOURDIEU, P. **A ilusão biográfica.** In: AMADO, J. ; FERREIRA, M. de M. (Orgs.). Usos e abusos da história oral. Trad. Glória Rodríguez, Luiz Alberto Monjardim, Maria Magalhães e Maria Carlota Gomes. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002, p. p. 183-191.
- GUEDES, Cristiano & SILVA, Maria Clara Ramos da Fonseca. **Redes sociais e ativismo materno: desafios entre estudantes de uma universidade pública.** Brasília, 2020.
- MENDES, Maria Francisca Mendes . **Memoriais de formação: Narrar-se professor a partir dos saberes cotinianos.** Rio de Janeiro, UFF-RJ, 2011.
- NÓVOA, Antonio. **O professor pesquisador e reflexivo.** Entrevista concedida em 13 set. 2001.
- PASSEGGI, Maria da Conceição. **Memoriais auto-bio-gráficos: a arte profissional de tecer uma figura pública de si.** In: PASSEGGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre (Org.). **Memórias, memoriais: pesquisa e formação docente.** Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.
- PRADO, Guilherme do Val Toledo & SOLIGO, Rosaura. **Memorial de formação – quando as memórias narram a história da formação.** In: PRADO, Guilherme do Val Toledo & SOLIGO, Rosaura. **Porque escrever é fazer história.** São Paulo, Graf. FE, 2005. p. 47-62
- SAALFELD, Thaís. **Maternidade e vida acadêmica limites e desafios das estudantes mães na Universidade Federal do Rio Grande-FURG,** 2019.
- SCOOT J. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação e realidade 1990; 16(2):5-22.
- URPIA, A, M,O.;SAMPAIO,S ,M ,R. **Tornar-se mãe no contexto acadêmico:dilemas da conciliação maternidade- vida universitária.** Revista do Centro de Artes,Humanidades e Letras, vol 3 (2) 2009.